


O MOVIMENTO DA LÍNGUA EM COMUNIDADES ARAWETÉ E ASURINÍ DO XINGU: FOTOGRAFIAS DA VOGAL MÉDIA ANTERIOR PRETÔNICA

THE LANGUAGE VARIATION IN ARAWETÉ AND ASURINÍ DO XINGU COMMUNITIES: REGISTER OF THE PRETONIC FRONT MID-VOWEL

Fábio Luidy de Oliveira Alves 
Marilucia Barros de Oliveira 

RESUMO

Trata o presente artigo da variação da média pretônica /e/, em posição prevocálica, a partir do protocolo da Geossociolinguística. Descreve-se e analisa-se essa variação no português falado em quatro comunidades indígenas do Médio Xingu, sendo duas Asuriní do Xingu (Itaaka e Kwatinemo) e duas Araweté (Ipixuna e Pakaña). Para o estudo, 512 dados foram registrados para a variável /e/. Foram analisados três fatores sociais: localidade, sexo e faixa etária. Os resultados apontam combate entre as variantes [e], [ɛ] e [i], sendo [e] levemente mais frequente nos dados gerais, mas ocorrendo preferências distintas a depender da sociedade e comunidade investigada. As dimensões diasssexual e diageracional avaliadas também apresentam atuação relevante sobre o fenômeno em estudo.

PALAVRAS-CHAVE: Variação. Média pretônica. Comunidades indígenas.

ABSTRACT

This text describes and analyzes the variation of the pretonic mid-vowel, based on the Geossociolinguistic approach, in Portuguese spoken in four indigenous communities of the Middle Xingu region, two Asuriní do Xingu (Itaaka and Kwatinemo) and two Araweté (Ipixuna and Pakaña). For the study, 512 data were recorded for the variable /e/ and considered for analysis. Three social factors were analyzed: locality, sex and age. The results shows a competition between the variants [e], [ɛ] and [i], with [e] being slightly more frequent in the general data, but with different preferences depending on the society and the community investigated. The sexual and generational factors evaluated also have a relevant role on the phenomenon under study.

KEYWORDS: Variation. Pretonic mid-vowel. Indigenous communities.

INTRODUÇÃO

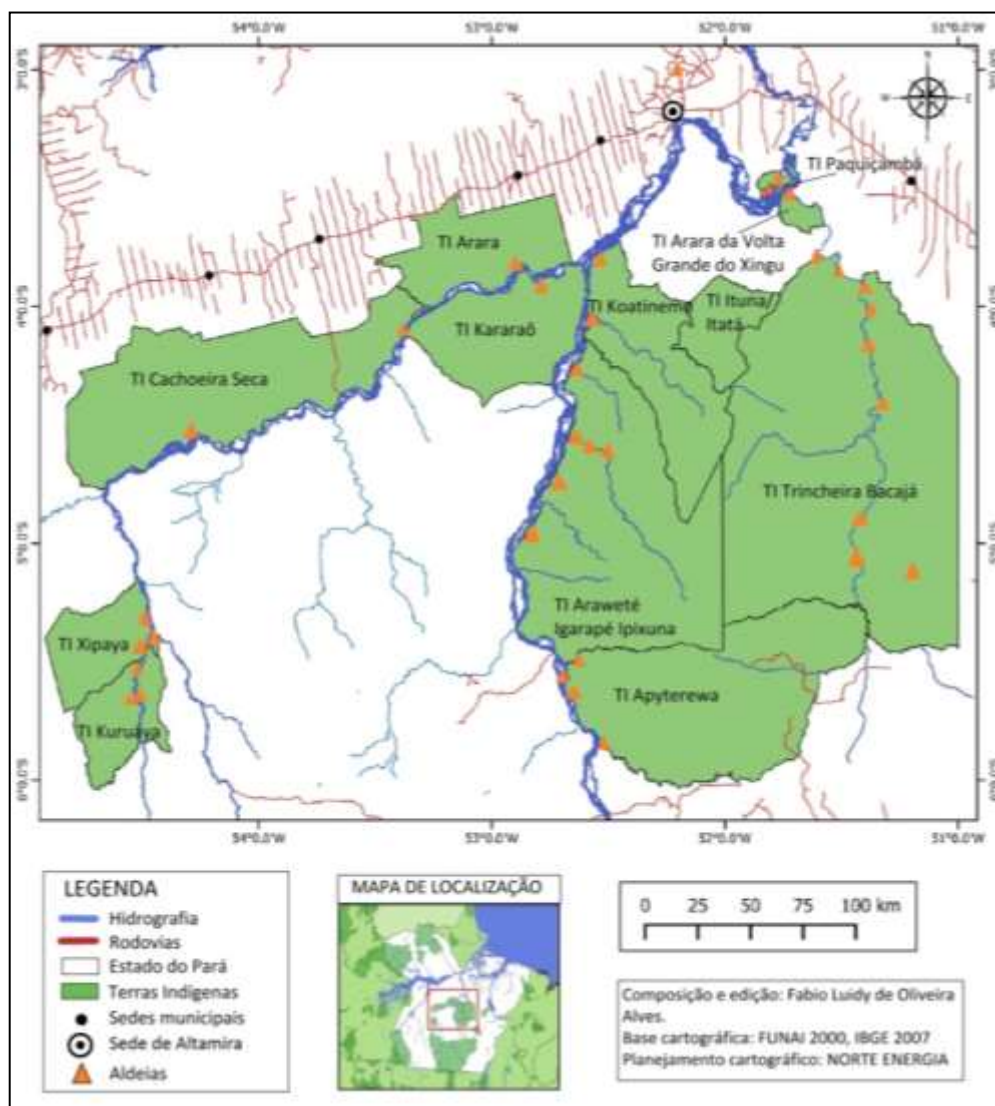
O português brasileiro (PB), mais especificamente variedades dessa língua, é comumente falado em áreas indígenas no Brasil. Nesses locais, a complexidade pode ser bastante alta no que se refere ao seu multilinguismo. Há registro de comunidades indígenas que usam a língua nativa, a língua portuguesa (LP) e, ainda, uma língua de sinais, como acontece na terra indígena Alto Turiaçu no estado do Maranhão. Há casos em que as línguas indígenas não são a língua de referência, preferida pela comunidade, bem como há casos em que elas praticamente já não são mais faladas, mas, sim, uma variedade do português brasileiro, levando o que resta das línguas indígenas à situação de extinção. O objetivo deste artigo é apresentar a diversidade linguística identificada em quatro comunidades indígenas, sendo duas habitadas pelo povo Asuriní do Xingu (Itaaka e Kwatinemo), e duas pelo povo Araweté (Ipixuna e Pakaña).

A língua tomada como base para análise e cartografia é a variedade do português falado pelas comunidades, mais especificamente a variação da vogal média pretônica /e/. Pretende-se avaliar a atuação de fatores externos sobre a referida variação (LABOV, 2008), seguindo o protocolo da geossociolinguística (RAZKY, 2003, CARDOSO, 2010). Os resultados serão comparados às realizações já registradas para o estado do Pará, a partir do Atlas Linguístico do Pará (ALiSPA), dando-se especial destaque aos resultados identificados em Altamira, cidade que fica no entorno dessas comunidades. Mas antes de apresentar os resultados, destacam-se algumas informações básicas sobre os Asuriní do Xingu e os Araweté, remetendo-se o leitor que deseja informações mais detalhadas, para fontes bibliográficas pertinentes.

1 A SITUAÇÃO SOCIOLINGUÍSTICA DAS COMUNIDADES ASURINÍ DO XINGU E ARAWETÉ

As comunidades Asuriní do Xingu e Araweté estão localizadas no município de Altamira, no estado do Pará. Elas fazem parte da região etnográfica do Médio Xingu, no Norte do Brasil, região caracterizada pela concentração de diversas etnias indígenas, como destaca a figura 1. Uma característica em comum dessas comunidades é o amplo bilinguismo entre seus habitantes, os quais falam tanto as suas línguas étnicas quanto o português.

Figura 1: Região do Médio Xingu



Fonte: Norte Energia (2016) (adaptada).

A situação de bilinguismo dos Asuriní do Xingu é distinta da dos Araweté, porque aqueles são uma sociedade bilingue e estes ainda não, apenas alguns indivíduos o são. Além do mais, o contexto sociolinguístico dos indígenas indica que a situação linguística dessas sociedades esteja indo em direção ao combate entre a língua étnica e língua portuguesa, principalmente entre os Asuriní, os quais já apresentam um intenso uso do português pelas gerações mais jovens, o que fez Alves (2018) destacar a presença de possível processo de *language shift*¹ entre eles. O uso dessa língua é crescente sendo, às vezes, até mais falada do que a língua étnica por alguns jovens Asuriní. Por outro lado, entre os Araweté

¹ Processo em que há mudança de uma língua fonte para uma língua alvo.

há uma relação estável entre a LP e a língua Araweté. Aparentemente, o uso do português não ameaça o abandono da língua étnica.

No português dos Asuriní do Xingu observaram-se poucas interferências de sua língua étnica. O seu avançado bilinguismo minimiza essas influências. Muito disso devido ao longo tempo de contato com a sociedade envolvente, intensificado a partir da década de 1980. Já na variedade dos Araweté há muitas interferências linguísticas, principalmente morfossintáticas e fonéticas. Os Araweté ainda estão adquirindo a língua portuguesa, seu contato efetivo ainda é recente, incentivado após o ano de 2000, e os novos contextos sociais e políticos pelos quais estão passando, devido aos impactos pela construção da Usina Hidrelétrica de Belo Monte, demandam bastante uso dessa língua por grande parte de sua população, o que acarreta essas intensas interferências, em detrimento de sua abrupta aquisição.

Cabe destacar que as influências no português dos Asuriní do Xingu e dos Araweté não dependem somente do contato com as suas línguas étnicas, mas também das interações linguísticas com os cidadãos da cidade de Altamira e que implicam muitos rearranjos² (reestruturações) no português dos indígenas, o que faz com que a sua variedade se assemelhe cada vez mais ao dialeto da cidade com o avanço e a intensificação do contato (ALVES, 2018). Portanto, o português dos indígenas, adquirido nas comunidades com interferências linguísticas, reestrutura-se a partir da variedade de português da cidade de Altamira.

Destaca-se também que as mudanças nas comunidades indígenas nos últimos anos, como consequências do projeto da Usina Hidrelétrica de Belo Monte, que reconfigurou e renovou toda a estrutura dessas comunidades, com casas de alvenaria, sistemas de abastecimento de água e postos de saúde, levam o português falado pelos Asuriní do Xingu e pelos Araweté a relacionar-se com um novo cenário, semelhante ao contexto citadino de Altamira. Tudo isso estimula o uso de um português mais diversificado.

A “renovação” linguística do português das comunidades indígenas está presente principalmente entre homens, haja vista que são os que apresentam mais mobilidade de entrada e saída de suas localidades em direção à cidade (ALVES, 2018). Semelhante comportamento é observado por Lucchesi (2015),

² Rearranjos são remanejamentos de padrões que resultam na introdução de elementos estrangeiros nos mais altos domínios estruturais da língua. Eles podem ser fonéticos, gramaticais e lexicais.

em comunidades tradicionais afro-brasileiras isoladas, e por Bortoni-Ricardo (2011), em áreas de periferia da região central do Brasil, em que o sexo masculino é o perfil que apresenta primeiramente as formas mais padronizadas e de prestígio na sua variedade linguística local, devido à sua maior mobilidade aos centros municipais. Estas descobertas são contrárias ao que argumentava Labov (2008, p. 243), na hipótese de que “na fala cuidada as mulheres usam menos formas estigmatizadas do que os homens e são mais sensíveis que estes ao padrão de prestígio”, e mostram que a sensibilidade ao uso da forma padrão pode estar mais atrelada ao maior contato com essa forma.

As situações destacadas sobre os Asuriní do Xingu e os Araweté esclarecem alguns contextos sociolinguísticos em que o português dessas sociedades está inserido. A participação desses grupos na cidade de Altamira e o seu bilinguismo interferem diretamente no perfil do PB de suas comunidades.

2 CARTOGRAFIA PARAENSE E DE COMUNIDADES INDÍGENAS: FOTOGRAFIAS DA MÉDIA ANTERIOR PRETÔNICA

O primeiro registro sobre o comportamento da vogal média anterior pretônica no português falado no norte do Brasil levando em consideração critérios linguísticos é feita por Antenor Nascentes, para uma proposta de divisão dialetal do Brasil. Nascentes (1953) fundamentou-se em dois aspectos fonéticos do PB: a variação das vogais médias pretônicas /e/ e /o/; e a “cadência” de fala, e definiu seis subfalares dialetais, um deles foi o amazônico, o qual fazia parte de um grupo maior, dos subfalares do Norte, caracterizado, em relação às vogais médias pretônicas, pela pronúncia aberta.

Figura 2: divisão dialetal do Brasil por Antenor Nascentes



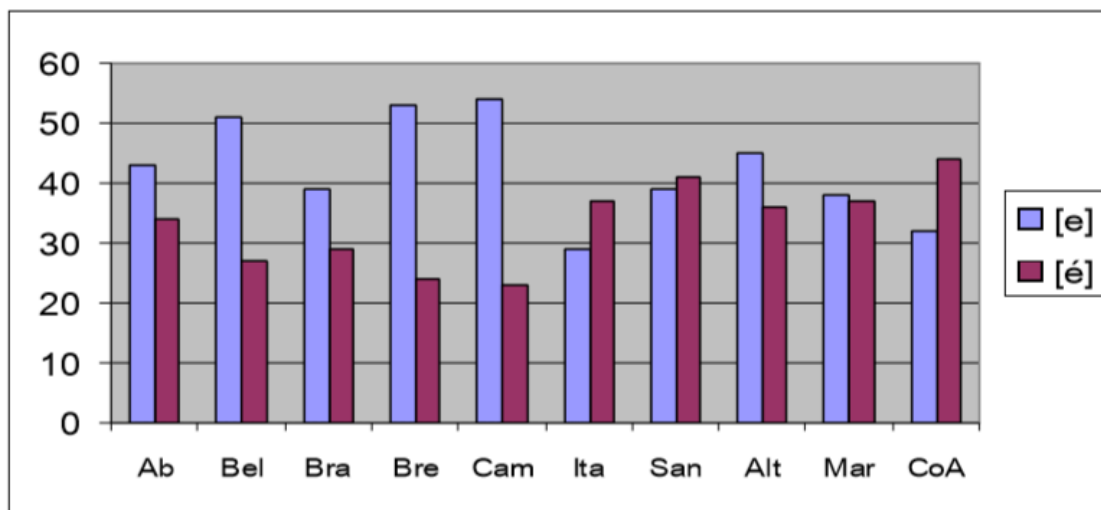
Fonte: Razky, Lima e Oliveira (2012).

A proposta de Nascentes (1953) se constitui uma contribuição importante para a definição de dialetos no Brasil, porém estudos sobre variação e diversidade linguística realizados mais recentemente apontam que no Norte do Brasil há localidades que são caracterizadas como “ilhas”, com relação à pronúncia das médias pretônicas e, por vezes, considerando até mesmo o estado do Pará como uma ilha dialetal, em relação aos falares do Norte, pela pronúncia fechada significativa das vogais médias pretônicas (SILVA, 1989; NINA, 1991), o que foi ratificado por Freitas (2003), que retratou a variação dessas vogais no dialeto do município de Bragança.

Entretanto, a pronúncia fechada da vogal média pretônica [e] é uma marca das cidades mais ao Norte do estado do Pará, em relação à variável /e/. Santos (2014) estudou dados de seis municípios em 2009 e revela um quadro multidialetal para esse estado, a partir dos dados do ALIB, com favorecimento da variante [e] em Belém, Almeirim e Soure, parte norte do estado; da variante [ɛ] em Altamira e Jacareacanga, parte sul; e da variante [i] em Marabá, parte sudeste. Outro estudo mais ampliado é realizado por Razky, Lima e Oliveira (2012) em dez municípios, a partir dos dados do ALiSPA, os quais confirmam o maior uso da variante fechada [e] no dialeto paraense e a sua preferência nas

idades mais ao norte do estado. Há mais frequência de [ɛ] em Conceição do Araguaia e Santarém e Itaituba, como se vê no Gráfico 1. Em Altamira [e] é mais frequente.

Gráfico 1: variantes [e] e [ɛ] em dez cidades paraenses³



Fonte: Razky, Lima e Oliveira (2012).

A partir de dados oriundos de comunidades indígenas do estado do Pará, Guedes (2017) afirma que o comportamento da vogal média anterior pretônica dessas localidades apresenta semelhança com o de cidades próximo a elas. O autor destacou principalmente a preferência pela variante [i] nesses locais. Além do mais, as áreas indígenas pesquisadas no Pará, quatro no total, estão localizadas em municípios ao norte da mesorregião do Sudeste Paraense, onde a variante alta é a predominante em cidades dessa região, por exemplo, Marabá (SANTOS, 2014).

Pode-se considerar, assim, que, em relação à pronúncia da vogal média anterior pretônica, apenas a região norte do estado do Pará, por exemplo, aquela que Cassique (2006) classificou como zona do *português regional paraense* (1), seja realmente uma ilha dialetal, no que refere à zona do subfalar do Norte de Nascentes (1953), porque se diferencia principalmente pelas pronúncias fechadas para /e/ e presença de alteamento. Esse último fenômeno é um antigo

³Abreviação das cidades: Ab - Abaetetuba, Bel - Belém, Bra - Bragança, Bre - Breves, Cam - Cametá, Ita - Itaituba, San - Santarém, Alt - Altamira, Mar - Marabá, CoA - Conceição do Araguaia.

resquício ainda visto na fala de pessoas mais velhas desta região (DIAS, CASSIQUE e CRUZ, 2007). A figura 3 destaca a zona 1 identificada em cinza.

Figura 3: divisão dialetal do Pará por Cassique



Fonte: Cassique (2006) (Adaptado).

A zona 1 é onde ainda se encontra o português que apresenta a formação mais antiga do Pará, resultante de influências diretas da Língua Geral Amazônica (LGA) (RODRIGUES, 1996), classificado por Cassique (2006) de *português regional paraense*.

3 METODOLOGIA

A metodologia deste trabalho adota os procedimentos da Geossociolinguística, mais adequada aos objetivos desta pesquisa. Assim, delimitou-se algumas variáveis sociais para análise, focalizando-se os seguintes grupos de fatores: comunidades, sexo e idade dos colaboradores.

Os dados sobre os quais se baseia a análise foram obtidos por meio dos questionários fonético-fonológico e semântico-lexical do *Projeto Atlas Linguístico do Brasil* e de entrevistas, realizados nos anos de 2017 e 2018. Deles foram abordados os aspectos fonético-fonológicos. A tabela 1 destaca uma lista de palavras que auxiliaram o estudo da vogal média anterior.

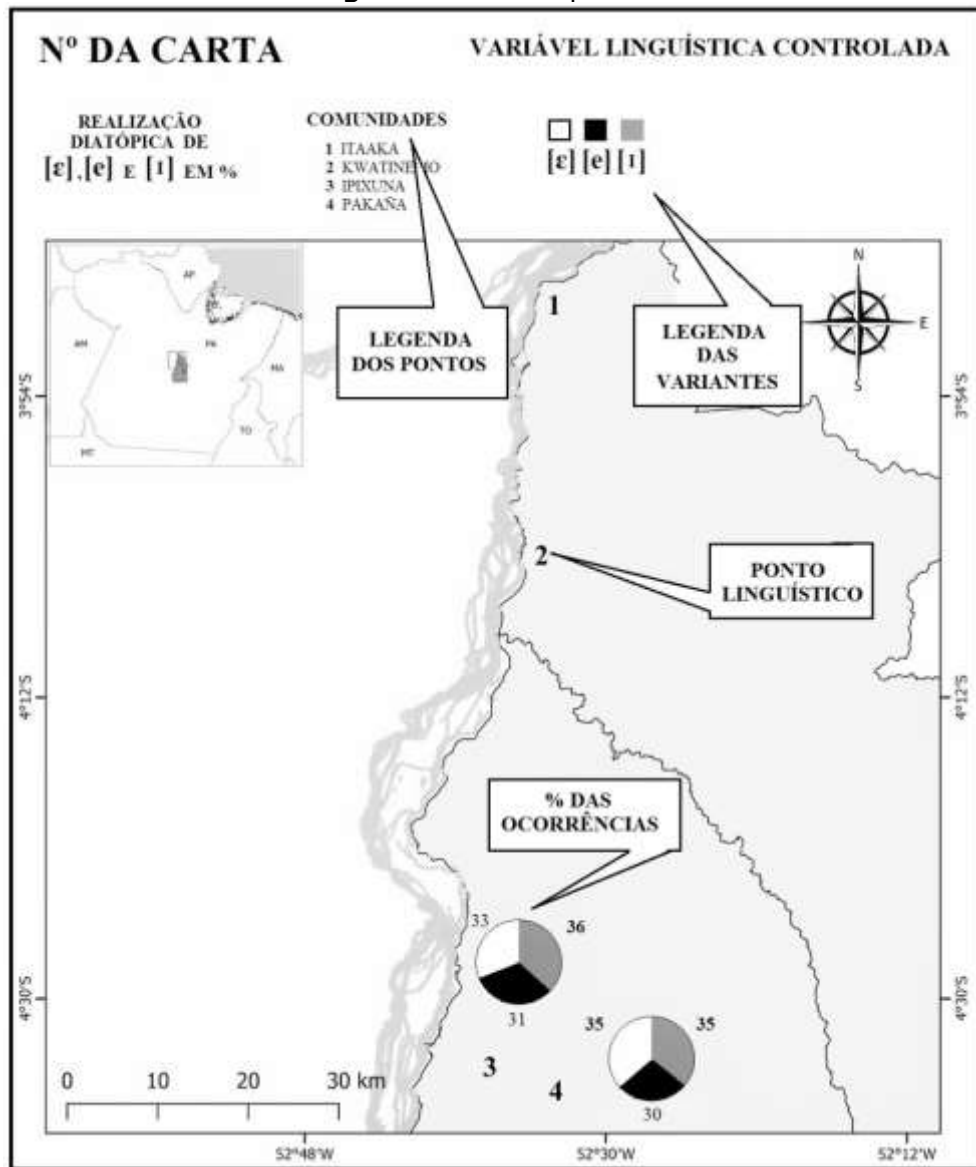
Tabela 1: Lista de palavras

| Vogal Média Anterior Pretônica | | |
|--------------------------------|---|-------------|
| Variantes | Exemplos | Ocorrências |
| [e] | r[e]bojo, f[e]v[e]reiro, tang[e]rina, am[e]ndoim, p[e]rdeu, p[e]ssoa, d[e]ficiente, m[e]nina, fal[e]cido, m[e]ndigo, paj[e]lança, f[e]chador, trav[e]sseira, al[e]ijado, [e]strela, [e]strada | 159/452 |
| [ɛ] | empr[ɛ]gado, s[ɛ]reno, c[ɛ]rração, amanh[ɛ]cendo, anoit[ɛ]cendo, s[ɛ]tembro, d[ɛ]zembro, f[ɛ]dendo, m[ɛ]dalha, pe[ɛ]teça, m[ɛ]renda, pr[ɛ]gador, t[ɛ]rreno, m[ɛ]rcado | 151/452 |
| [i] | [i]spiga, [i]strada, sangu[i]ssuga, [i]squerda, m[i]nino, [i]sconde, s[i]gura, var[i]jeira, [i]spírito, p[i]queno, c[i]mitério | 142/452 |

Fonte: Elaboração dos autores.

Os dados se mostraram produtivos para fins de cartografia, a qual foi feita a partir do programa computacional QGIS 2.18. Este programa auxiliou na composição e edição das cartas e é uma ferramenta importante no desenvolvimento de trabalhos cartográficos. A seguir, destaca-se uma carta linguística da pesquisa, com finalidade explicativa.

Figura 4: carta explicativa



Fonte: Elaboração dos autores.

O total de participantes ficou restrito a 16 pessoas. Destaca-se que a falta de colaboradores acima de 45 anos falantes de língua portuguesa, principalmente entre os Araweté, impôs limite à faixa etária do grupo etário B.

Além do mais, os povos Asuriní do Xingu e Araweté são compostos por poucos indivíduos. O primeiro conta com 181 pessoas distribuídas em duas comunidades na Terra indígena Kwatinemu e o segundo povo com 448 divididos em seis comunidades em sua TI, de mesmo nome (DSEI, 2014). Com esse contingente limitado de pessoas, haver colaboradores com nível escolar acima do ensino básico ou com outras religiões, fora do âmbito tradicional indígena, por exemplo, religiões cristãs, ainda não é realidade e impede a ampliação de mais

grupos de fatores, por exemplo, escolaridade e religião. A tabela 2 apresenta os fatores extralinguísticos da pesquisa.

Tabela 2: fatores extralinguísticos

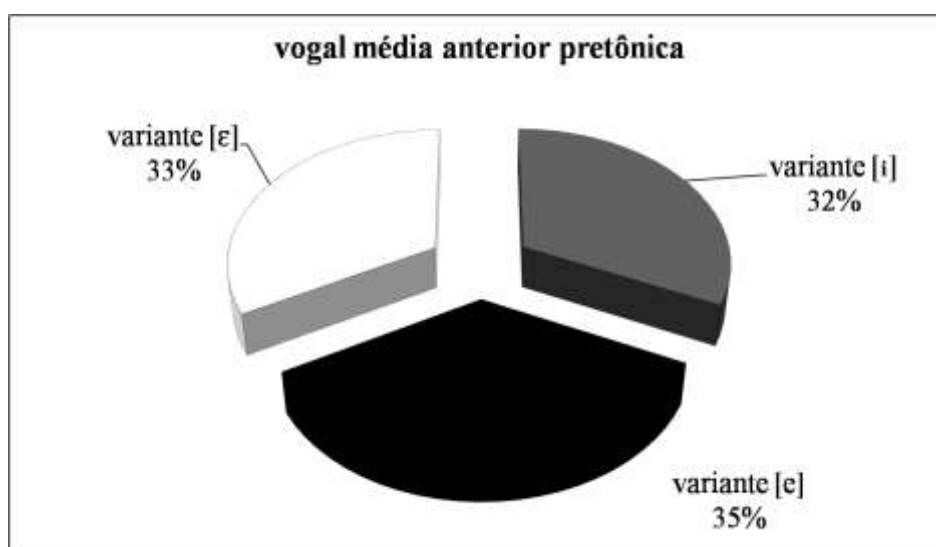
| GRUPO | FATORES |
|--------------|-------------------------------------|
| Comunidades | Kwatinemu, Itaaka, Ipixuna e Pakaña |
| Sexo | Feminino; Masculino |
| Faixa etária | 18 – 25; 35 – 45 |

Fonte: Elaboração dos autores.

4 FOTOGRAFIAS DA VARIAÇÃO DE VOGAIS MÉDIAS PRETÔNICAS EM COMUNIDADES ASURINÍ DO XINGU E ARAWETÉ

Para o estudo da variação da vogal média anterior em posição pretônica, 452 dados foram analisados; eles registram três variantes. As variantes [e], [ɛ] e [i] obtiveram frequências aproximadas, como destaca o gráfico 2.

Gráfico 2: frequência das variantes de /e/



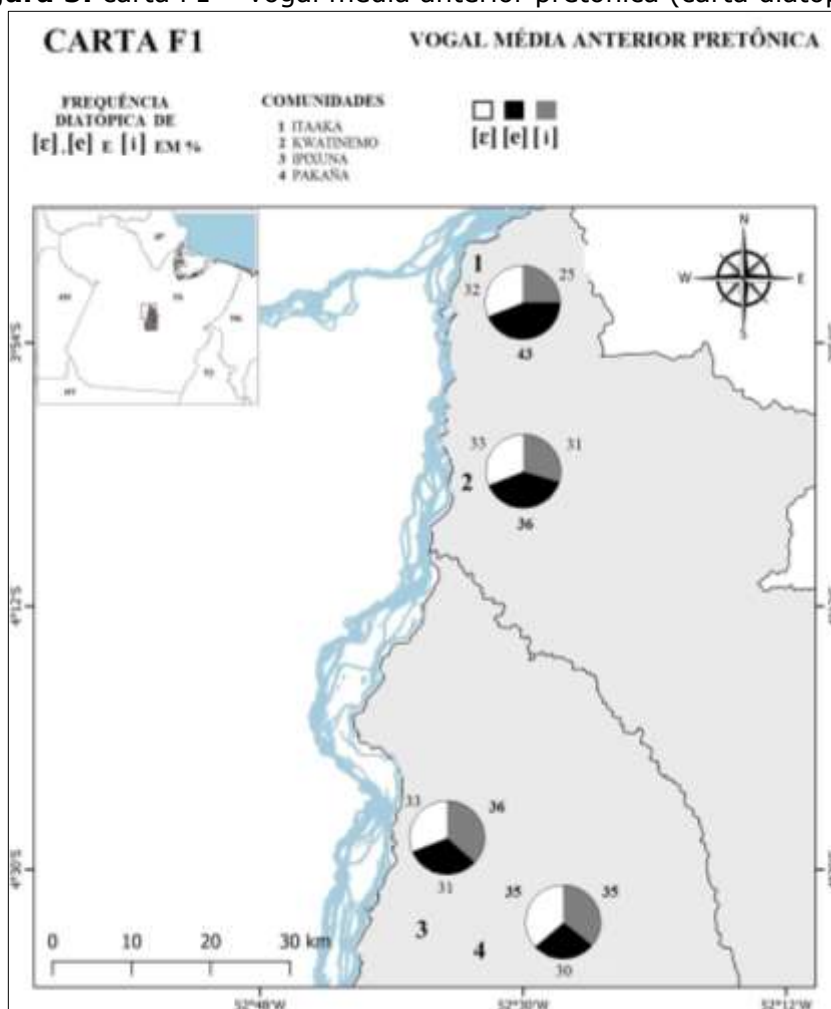
Fonte: Elaboração dos autores.

O alteamento da vogal média é o menos frequente nos dados gerais dos colaboradores indígenas. O abaixamento, bem característico de falares nordestinos, mostra-se mais frequente que o alteamento. Isso pode estar relacionado à forte migração nordestina no entorno dessas comunidades, principalmente na formação da variedade de português de Altamira.

A situação da influência linguística, por vezes, forma uma espécie de contínuo linguístico entre o português falado na cidade de Altamira e o falado nas localidades indígenas mais próximas; as comunidades Asuriní do Xingu sentem mais rapidamente as mudanças (ALVES, 2018). O trabalho de Santos (2014) destacou que a variante preferida da cidade de Altamira é [ɛ]. Já Razky, Lima e Oliveira (2012) apontam [e] como a mais frequente. Os resultados corroboram esses registros, já que foram [e] e [ɛ] as variantes mais frequentes no resultado global. Observa-se que o fator geográfico, quando se leva em conta a influência da variedade de Altamira, apresenta relevância para a variação da variável /e/.

Apesar dos resultados globais bem aproximados, cabe ressaltar que as comunidades indígenas apresentam preferências distintas em relação às variantes, sendo, em alguns casos, mais distantes, como se vê na carta F1, de registro diatópico.

Figura 5: carta F1 – vogal média anterior pretônica (carta diatópica)



Fonte: Elaboração dos autores.

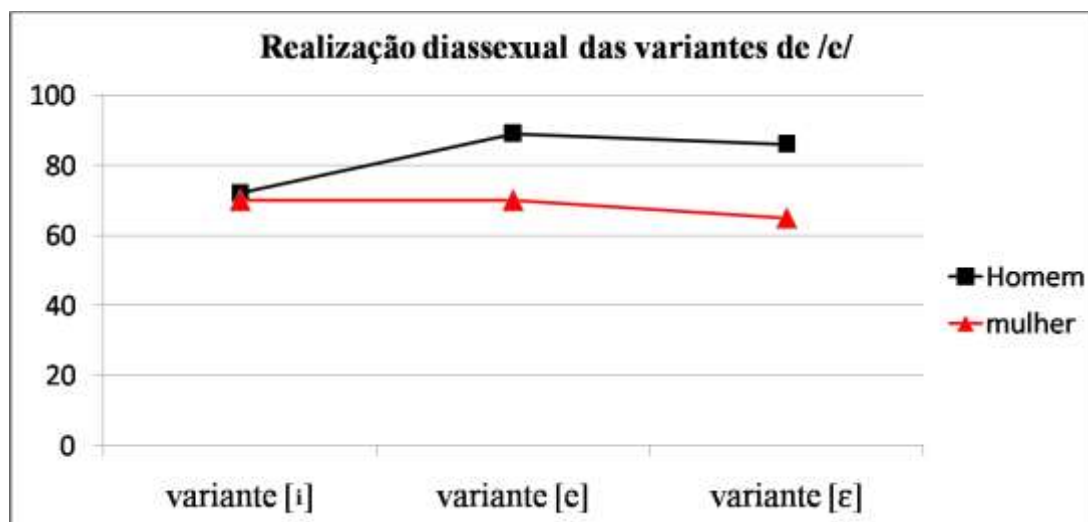
O resultado do mapeamento mostra que há preferência pela realização de [e] nas comunidades Asuriní do Xingu. Ao passo que, nas comunidades Araweté, o uso de [i] é mais frequente. Além do mais, destaca-se que a variante [e] é a menos recorrente entre as localidades Araweté e [i] é a menos usada entre as Asuriní.

A diferença das preferências linguísticas entre comunidades Asuriní do Xingu e Araweté pode estar relacionada a diversos fatores, mas, levando em conta o fator espacial, cogita-se avaliar também a interferência da cidade de Altamira, porque, como destacado, a norma dessa cidade influencia linguisticamente o português das comunidades indígenas do seu entorno, pois frequentemente grupos de indígenas se deslocam para lá.

4.1 O EFEITO DO SEXO SOBRE AS VARIANTES DE /e/

Os resultados relativos à vogal média anterior pretônica na dimensão diasssexual indicam que os homens indígenas apresentam leve preferência pelo uso de [e]. Por outro lado, as mulheres utilizam um pouco mais a variante alta, como destaca o gráfico 3.

Gráfico 3: efeito da dimensão diasssexual sobre /e/



Fonte: Elaboração dos autores.

De forma geral, os resultados entre homens e mulheres são mais aproximados quando se trata de [i], e vai se distanciando à medida que a

variante é mais aberta. Por outro lado, as mulheres apresentam índices mais baixos que os homens para todas as variantes, com ligeira diferença para [i]. A seguir, apresenta-se a atuação das variantes em relação ao sexo, em cada comunidade indígena investigada.

Tabela 3: efeito da dimensão diasssexual sobre /e/ (comunidades)

| Pontos | Homens (%) | | | Mulheres (%) | | |
|---------------|------------|-----------|-----------|--------------|-----------|-----------|
| | ε | e | i | ε | e | i |
| 1 (Itaaka) | 35 | 45 | 20 | 30 | 39 | 31 |
| 2 (kwatinemu) | 35 | 37 | 28 | 31 | 35 | 33 |
| 3 (Ipixuna) | 33 | 31 | 36 | 33 | 30 | 37 |
| 4 (Pakaña) | 37 | 30 | 33 | 34 | 30 | 36 |

Fonte: Elaboração dos autores.

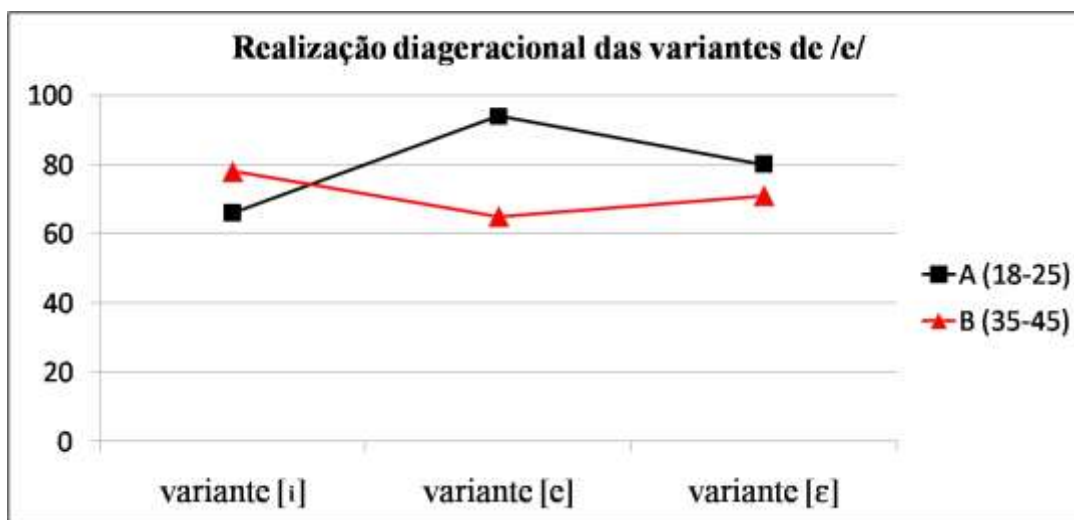
A tabela destaca que homens e mulheres dos pontos 1 e 2, comunidades Asuriní, preferem [e]. Porém eles diferem-se delas em relação à segunda variante mais usada, o sexo masculino utiliza mais [ε] e o feminino apresenta mais uso de [i].

Nas comunidades Araweté, [i] é mais usado em Ipixuna nos dois sexos. Já em Pakanã os homens preferem [ε], as mulheres usam mais [i]. Nota-se que os homens de três das quatro comunidades usam mais a variante [ε] do que as mulheres.

4.2 O EFEITO DA IDADE SOBRE AS VARIANTES DE /E/

Quanto à análise diageracional da variável /e/, o gráfico destaca a frequência de suas realizações entre as duas gerações indígenas nos dados gerais.

Gráfico 4: efeito da dimensão diageracional sobre /e/



Fonte: Elaboração dos autores.

O gráfico 4 mostra que os jovens indígenas, faixa etária A, preferem a variante [e]. Por outro lado, os da faixa etária B têm preferência por [i]. Os resultados indicam que [e] é a menos usada entre quem têm mais idade e que [i] é a menos usada entre jovens, o que pode indicar uma tendência de uso em favor de [e].

Nas comunidades indígenas, os usos das variantes de /e/ são um pouco distintos para cada geração, a tabela 4 destaca as preferências das realizações de /e/ pelas faixas etárias.

Tabela 4: efeito da dimensão diageracional sobre /e/ (comunidades)

| Pontos | Geração A (18-25)(%) | | | Geração B (35-45) (%) | | |
|---------------|----------------------|-----------|----|-----------------------|-----------|-----------|
| | ɛ | e | i | ɛ | e | i |
| 1 (Itaaka) | 35 | 42 | 23 | 30 | 43 | 27 |
| 2 (kwatinemu) | 28 | 42 | 30 | 39 | 30 | 31 |
| 3 (Ipixuna) | 19 | 37 | 17 | 32 | 25 | 43 |
| 4 (Pakaña) | 37 | 35 | 28 | 34 | 23 | 43 |

Fonte: Elaboração dos autores.

Verifica-se que a variante [e] é mais frequente entre os jovens em quase todos os pontos, com exceção do ponto 4, Pakaña, uma das comunidades onde o

uso do português encontra-se em estágio menos avançado. Na geração B, há preferência por distintas variantes; no ponto 1 prevalece [e] e, no ponto 2, [ɛ]. Já nas duas comunidades Araweté prevalece a variante alta.

O uso mais frequente de variantes médias pelos jovens pode ser reflexo de sua intensa interação com o contexto da sociedade envolvente, seja a interação com mídias e músicas ou a participação na cidade de Altamira. O perfil do indígena jovem é o que mais altera o português falado em suas comunidades (ALVES, 2018). Além do mais, esses jovens também apresentaram, mesmo que de forma mínima, algum contato com o ambiente escolar, diferentemente do que se viu com os indígenas da faixa B.

Na comparação do resultado das duas gerações, parece que [i] vem perdendo força com o tempo. A tendência que se pode esperar entre as gerações indígenas é que cada vez mais jovens passem a usar as variantes médias, por serem mais usadas pela sociedade envolvente, já que os moradores das comunidades indígenas se integram cada vez mais à cultura dessa sociedade.

Sobre o fenômeno do alteamento, nota-se que mesmo que ele venha perdendo força ao longo do tempo, ele é mais frequente principalmente no português dos indígenas da faixa B e das mulheres. Esses grupos ainda conservam mais interferências de sua língua indígena em sua variedade de português, já que apresentam menos contato com a variedade da sociedade envolvente paraense, a qual usa mais variantes médias (RAZKY, LIMA E OLIVERA, 2012).

Esse fenômeno é também mais frequente entre os Araweté, grupo que ainda está em fase de aquisição da língua portuguesa, bem diferente do que se vê entre os seus vizinhos Asuriní, mais alinhado com a variedade da sociedade envolvente, por manterem contato mais intenso com ela e por mais tempo.

Ainda sobre o alteamento das vogais médias no português dos Asuriní do Xingu e dos Araweté, fenômeno que ainda resiste com mais frequência no português dos falantes da faixa B e das mulheres, suspeita-se que possa ser fruto de uma influência primária de suas línguas indígenas, as quais pertencem à família Tupi-Guarani e apresentam um sistema vocálico com predominância de vogais altas, conforme figura 6 que segue:

Figura 6: fonemas vocálicos das línguas indígenas

| | | | | | | |
|-------------------------|-----|-----|--|----------------|-----|-----|
| i ã | i ã | u ã | | i ã | i ã | u ã |
| e ã | | | | e ã | | |
| ε (e) | | | | | | |
| a ã | | | | a ã | | |
| ASURINÍ DO XINGU | | | | ARAWETÉ | | |

Fonte: Pereira (2009) e Solano (2009).

Como foi mencionado anteriormente, Guedes (2017) também encontrou variantes altas entre as comunidades indígenas que pesquisou, o que poderia fortalecer essa hipótese em relação ao alteamento das médias que ainda é visível no *português regional paraense*, como abordado neste texto. É possível que essa variedade seja um resquício deixado pelas línguas indígenas de substrato, por exemplo, a LGA, língua indígena de base Tupi.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente artigo tratou da variação da média anterior, em posição pretônica, /e/, em quatro comunidades indígenas localizadas na Amazônia. Duas integram a sociedade Asuriní do Xingu e duas a sociedade Araweté. Os resultados de natureza diatópica se mostram bastante aproximados em termos globais, mas apresentam distinções quando se avaliam os índices para cada comunidade e sociedade. Os Araweté preferem [i], ao passo que os Asuriní usam mais [e]. Os homens usam mais [e]; as mulheres usam mais [i]. A faixa etária mostra que os jovens preferem [e] enquanto os que têm mais idade usam mais [i], o que pode indicar uma tendência ao uso da vogal média [e], tal como Razky, Lima e Oliveira (2012) registraram para Altamira, cidade que fica no entorno das comunidades pesquisadas e com a qual mantêm contato.

REFERÊNCIAS

ALVES, F. L. de O. **A variedade do português falado pelos Asuriní do Xingu e pelos Araweté: um estudo geossociolinguístico.** Dissertação (Mestrado em Letras), Universidade Federal do Pará, 2018.

BORTONI-RICARDO, S. M. **Do campo para cidade: estudo sociolinguístico de migração e de redes sociais.** São Paulo: Parábola, 2011.

CARDOSO, S. A. M. da S.. **Geolinguística: tradição e modernidade.** São Paulo: Parábola Editorial, 2010.

CASSIQUE, Orlando. **O Alçamento [o]>[u] na fala da cidade de Breves (PA): uma reflexão introdutória de natureza variacionista.** Belém: UFPA, 2006.

DIAS, M. P.; CASSIQUE, O.; CRUZ, R. C. F. O alçamento das vogais pré-tônicas no português falado na área rural do município de Breves (PA): uma abordagem variacionista. **Revista Virtual de Estudos da Linguagem – ReVEL.** Vol. 5, n. 9, 2007.

DISTRITO SANITÁRIO ESPECIAL INDÍGENA (DSEI). **Cartografia.** 2014

FREITAS, S. N. de. As vogais médias pretônicas /e/ e /o/ num falar do Norte do Brasil. In: Abdelhak Razky (org.). **Estudos Geo-Sociolinguísticos no Estado do Pará.** Belém: Grafia, 2003.

GUEDES, R. J. da C. **Perfil geossociolinguístico do português em contato com línguas tupi-guarani nos estados do Pará e Maranhão.** Tese (Doutorado em Letras), Universidade Federal do Pará, 2017.

LABOV, William. **Padrões sociolinguísticos.** São Paulo: Parábola, 2008.

LUCHESI, Dante. **Língua e sociedade partidas: a polarização sociolinguística do Brasil.** São Paulo: Contexto, 2015.

NASCENTES, Antenor. **O linguajar carioca.** Rio de Janeiro: Simões, 1953.

NINA, Terezinha. **Aspectos da variação fonético-fonológica na fala de Belém.** Tese (Doutorado) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1991.

PEREIRA, A. A. **Estudo morfossintático do Asuriní do Xingu.** 2009, Tese (doutorado em Linguística), Unicamp, Campinas, 2009.

RAZKY, Abdelhak. **Estudos Geo-Sociolinguísticos do Pará.** Belém: Grafia, 2003.

RAZKY, A.; LIMA, A.; OLIVEIRA, M. B. de. **As vogais médias pretônicas no falar paraense.** Signum: estudos linguísticos. Londrina, n. 15, p. 293-310, 2012.

RODRIGUES, Aryon. **As línguas gerais sul-americanas.** PAPIA: São Paulo, v. 4, n. 2, p. 6-18, 1996.

SANTOS, E. G. dos. **A distribuição geo-sociolinguística da variável e pretônica no português falado no Estado do Pará.** Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade Federal do Pará, 2009.

SANTOS, E. G. dos. O comportamento da vogal média anterior pretônica no estado do Pará. In: Abdelhak Razky et al (Orgs.). **Estudos II: geossociolinguística no estado do Pará**. Belém: EDUFMA, 2014.

SILVA, M. B. da. **As pretônicas no falar baiano**. Rio de Janeiro: UFRJ, 1989.

SOLANO, E. de J. B. **Descrição gramatical da língua Araweté**. Tese (doutorado em linguística), UnB, Brasília, 2009.

Sobre os autores

Fábio Luidy de Oliveira Alves

Mestre em Letras (Linguística) pela Universidade Federal do Pará – UFPA.

Contato: fabio-luidy@hotmail.com

Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-5683-6542>

Marilucia Barros de Oliveira

Doutora em Letras e Linguística pela Universidade Federal de Alagoas - UFAL.

Contato: oliveira.marilucia@gmail.com

Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-2069-6191>

Artigo recebido em: 28 de fevereiro de 2022.

Artigo aceito em: 14 de abril de 2022.